

Este ano não há danças de Carnaval, quebrando uma tradição de 48 anos

POR AUGUSTO PESSOA, NOS EUA

A alegria, colorido e música que dá vida aos salões das associações da Nova Inglaterra, com as grandiosas noites de carnaval, este ano de 2021 estão vazios.

Triste para os componentes das danças. Triste para os músicos, triste para o público que enchia os salões.

Mas não resta outra alternativa que não seja fazer votos para que em 2022 o carnaval regresse aos palcos da Nova Inglaterra.

Tudo começou em Lowell no ano de 1973 pela mão do saudoso José Valadão, seu cunhado Francisco Meneses e Lourenço Valadão.

Estava lançado o rastilho do que passaramos mais de 40 anos, continua a ser, uma das maiores manifestações sócio-culturais da comunidade.

Délio Valadão, filho de José Valadão, não deixa a herança do seu pai por mãos alheias e assume a responsabilidade da promoção do carnaval.

Com uma experiência iniciada em 1967 na ilha Terceira, chega a Lowell José Martins e com ele uma nova era carnavalesca na diáspora.

Em 1976 dá início à sua participação no carnaval, fazendo parte de um bailinho. A sua colaboração, neste sentido, mantém-se até 1982.

Mas José Martins tinha a família cheia de talentos, pelo que organiza um bailinho da família Martins. O José tem três filhas: Sónia, Suzana e Dília. O Mateus tem o Mateus Jr. e a Stephanie. O João tem mais dois filhos: Jonathan e Cristina.

Para completar o ramo surge o primo, João Ângelo Martins, que é o autor dos enredos e um dos executantes.

Em 1978, Lowell, que bem se pode considerar a meca do carnaval, vê che-



gar o "Sapateiro", alcunha de João Fernandes, uma das figuras mais relevantes na ilha Terceira.

Traz com ele os filhos, Leo, José e Fernando Silva.

Em 1980 o carnaval pelos EUA conhece uma nova dinâmica, com o bailinho "O ensaio da filarmónica", da autoria de Fernando Sapateiro.

Foi sucesso em alguns palcos e mal recebido em outros.

Mas nada os fez parar. Em 1978 chega a Lowell João Fernandes, que dava pela alcunha de "Sapateiro".

Conjuntamente com os filhos, Leo Silva, José Silva e Fernando Silva.

No ano de 1980 mostram o carnaval à sua maneira com "O ensaio da Filarmónica" um bailinho que fez sucesso.

Victor Santos, que começava a dar nas vistas pelo seu entusiasmo na divulgação e projeção das tradições terceirenses, viu no carnaval mais uma forma de mostrar o que vale.

Em 1981 escreve o bailinho "A tia Mariquinhas", no que seria o grande arranque do carnaval a sul de Boston.

Hoje já soma mais de 24 assuntos

escritos para bailinhos pela Nova Inglaterra e Canadá.

Em 2003 foi um dos fundadores da Aliança Carnavalesca, que tem coordenado o carnaval ao longo dos anos.

Tal como as famílias Valadão, Martins, Sapateiro, Victor Santos conseguiu contaminar a mulher, Maria João e as filhas Tania e Chelsea. Esta última, além de puxar a dança com a irmã, é ainda uma excelente executante de viola da terra e acordeão. Filha de peixe sabe nadar.

Depois de longos meses de ensaio, eles aí estão, bem vestidos, bem coreografados, bem musicados, a mostrar os seus talentos.

Vai ser um estímulo, aos presentes.

É uma vitamina de alegria onde, pelo menos em duas noites, se esquecem os momentos mais difíceis da vida.

A febre do carnaval consegue ultrapassar a febre da gripe que este ano deu com força.

Se o melhor é o esperar pela festa, esta do carnaval não é exceção.

Isto é a alma do povo a pulsar nos corações dos mais jovens e mais idosos numa simbiose de sons e vozes, espírito alegre e brinçalhão.

Tem de ser isto o tópicos do carnaval. Se bem que mesmo a brincar, ninguém gosta de fazer má figura.

Isto é sempre uma festa.

Os mais novos encaram a tradição com entusiasmo, numa aposta na continuidade. Trabalho e disponibilidade são fatores imprescindíveis ao êxito das danças de carnaval. Os salões ganham a vida própria das noites de carnaval, não obstante serem locais de convívio durante todo o ano.

*Exclusivo Portuguese Times/
Diário dos Açores*

A Europa à espera de Biden

POR EURICO MENDES, NOS EUA

Joe Biden tomou posse como presidente e o mundo respirou de alívio. Para a Europa, com a posse de Biden começou um novo capítulo nas relações com os Estados Unidos e vários líderes europeus declararam-se aliviados.

Biden entra na Casa Branca com décadas de experiência em política externa. Passou 36 anos como senador e desempenhou um papel importante na definição da política externa dos Estados Unidos como presidente ou membro do Comité de Relações Exteriores do Senado durante 12 anos ocupando-se de questões envolvendo terrorismo, armas de destruição em massa, pós-Guerra Fria na Europa, Médio Oriente e Sudoeste Asiático.

Como vice-presidente, Biden viajou para mais de 50 países viajando dois milhões de quilómetros. Muitos dos

atuais governantes europeus, africanos e asiáticos conheceram Joe Biden como senador ou vice-presidente.

Talvez por isso, na cerimónia de tomada de posse, Biden tenha falado diretamente para o mundo, um gesto invulgar para um presidente dos Estados Unidos no discurso inaugural. Mas procurou demarcar-se da anterior administração e lembrou que "a política não tem de ser um incêndio, que destrói tudo à sua passagem".

Estas palavras foram música para a classe política europeia e ninguém foi mais claro e direto do que a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, afirmando que o bloco "tem novamente um amigo na Casa Branca".

"Há muito que aguardamos por uma nova aurora nos Estados Unidos. A Europa está pronta para um recomeço com o nosso parceiro mais antigo e de confiança", afirmou Ursula von der Leyen em discurso ao Parlamento

Europeu.

Esclareça-se que a Comissão Europeia é uma das sete instituições da União Europeia, é o órgão executivo formado por 27 comissários, que têm, cada um, responsabilidade sobre uma área específica. Mas outro importante órgão é o Conselho Europeu, que reúne os chefes de Estado e de Governo dos Estados-membros e representa o nível mais elevado de cooperação política entre os países da União Europeia. O Conselho tem um presidente, presentemente Charles Michel, que anunciou ter convidado Biden para o próximo Conselho Europeu a ter lugar no primeiro semestre de 2021 em Bruxelas.

Em comunicado divulgado dia 25 de janeiro, Michel informou ter tido uma conversa telefónica com Biden, na qual formulou o convite para participar na cimeira europeia destinada a relançar as parcerias transatlânticas.

Dia 26 de janeiro, Biden recebeu também um telefonema de Jens Stoltenberg, secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte, e convidá-lo para a cimeira da organização que terá lugar em Bruxelas, em março. Portanto, nesta altura, Charles Michel e Jens Stoltenberg devem estar a combinar a visita de Biden, que poderá acontecer em março e durante a presidência portuguesa da União Europeia.

Com efeito, Portugal assumiu dia 1 de janeiro de 2021 a presidência rotativa do Conselho da União Europeia, que exerce até 30 de junho.

Se o convite for aceite, Portugal terá assim um papel importante como interlocutor de Joe Biden na sua primeira visita à Europa como presidente dos Estados Unidos.

*Exclusivo Portuguese Times/
Diário dos Açores*